

Cristovam decide privatizar

Sergio Marques

MÔNICA GUGLIANO

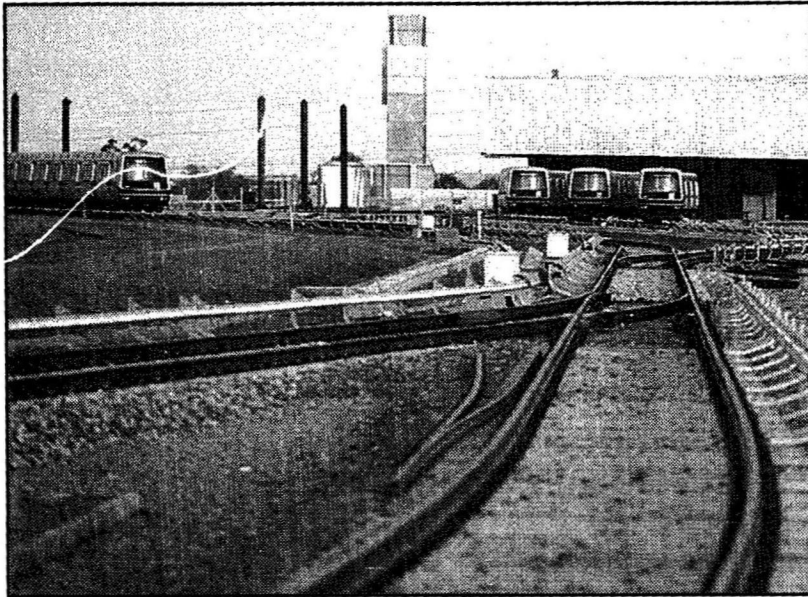
BRASÍLIA — O governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque (PT), está disposto a passar por cima de um dos dogmas do partido: a necessidade de o Estado manter controle de serviços essenciais como transportes. Cristovam quer privatizar o metrô de Brasília, obra inacabada que herdou de Joaquim Roriz (PP) e que já custou US\$ 700 milhões aos cofres públicos.

— Não há nada de mais em privatizar o metrô. O Estado cumpre um papel em determinado momento; depois a comunidade assume esse papel e se defende — disse o secretário de Obras do GDF, Hermes de Paula.

Há uma semana, Cristovam Buarque lançou a idéia numa reunião com empresários. O GDF precisa de US\$ 350 milhões para terminar o metrô.

— Topamos qualquer negócio, se quiserem acabar a obra. Mas não acreditamos que alguém se disponha a investir tantos recursos — disse Hermes de Paula.

A idéia é encontrar empresários que queiram investir no metrô em troca da exploração das linhas, por um período, e do uso dos espaços comerciais nas 28 estações. O GDF não bancaria uma parte da tarifa, como forma de compensar o investimento que fez na obra.



Metrô de Brasília: uma obra inacabada que já custou US\$ 700 milhões

— Como as tarifas do metrô são deficitárias, isso seria uma maneira de fazer o negócio — disse o secretário.

Ele acha que o Estado deve redefinir suas funções em algumas áreas. Até nas telecomunicações, cuja proposta de flexibilização foi duramente combatida pelo partido, Hermes de Paula acredita que pode haver alguma abertura, desde que criteriosa:

— Não queremos a estatização absoluta. Temos é que tomar cuidado com as perversidades do neoliberalismo; no caso das tele-

comunicações, seria entregar o filé para a iniciativa privada e deixar o prejuízo com o Estado.

A administração de Cristovam é considerada uma das vitrines do PT para as eleições presidenciais. Mas não é a primeira vez que o governador enfrenta conceitos do partido. Logo após sua posse, ele defendeu a doação de campanha da construtora Norberto Odebrecht. O fato gerou uma crise no diretório do partido em Brasília, que determinara aos candidatos que não aceitassem doações de empreiteiras.

Muitos buracos, pouca verba

Os buracos cobertos por tapumes das obras do metrô de Brasília se transformaram num pesadelo para o governador Cristovam Buarque. Com 40 quilômetros — 7,2 deles subterrâneos — de extensão, o metrô era a “menina dos olhos” do então governador Joaquim Roriz, que imaginava solucionar com ele todos os problemas do deficiente serviço de transporte coletivo da capital federal. A obra orçada em US\$ 600 milhões vai custar, porém, quase US\$ 1 bilhão. Sem verbas, a construção, iniciada em 1992, está parada desde outubro passado.

Os 16 trens já comprados têm capacidade para transportar até 21 mil passageiros por hora. O trajeto liga as cidades-satélites de Samambaia e Ceilândia ao centro do Plano Piloto. Estão previstas 28 estações, mas só cinco estão semi-prontas. As demais não passam de estruturas de arame e concreto.

O País • 5

DF-
metrô